

Teresina dos anos dourados aos anos de chumbo: O processo de modernização e intervenção do Estado Autoritário*

Considerações sobre o golpe militar-civil na cidade de Teresina

Marylu Alves de Oliveira**

Orientador Profº Dr. Francisco Alcides do Nascimento***

Estudar a ditadura militar esta em voga. Quase diariamente quando ligamos a televisão ou lemos jornais encontramos pessoas dispostas a contarem suas aflições enquanto presos ou exilados políticos. Poucos são os que foram ligados ao regime que tem a coragem de falar abertamente, pois o que nos é apresentado, atualmente, é uma sociedade organizada que, através dos meios de comunicação, diz execrar os indivíduos e as atrocidades cometidas durante a ditadura. Essa sociedade também tenta recuperar a documentação oficial do período ditatorial no intuito de conceder a toda população acesso irrestrito a documentos confidenciais guardados pelo exército desde o golpe de 1964. Porém, esta campanha tende a apontar e a refletir os acontecimentos do período militar pós-64 de uma forma superficial e ao tentar conjecturar a ditadura desta forma, carregamos, implicitamente, alguns pontos. O primeiro é a tendência a sempre refletirmos o período a partir do paradoxo Estado e oposição, como se houvesse uma homogeneidade de atuações. O segundo é a necessidade de negar a participação da sociedade na legitimidade do golpe, pois é desta forma que sempre justificamos o “*todo poderoso Estado Autoritário*”, infalível na caçada ao inimigo interno, homogêneo nas suas administrações e bem distante do povo.

O objetivo fundamental do presente artigo é analisar o processo de modernização na cidade de Teresina em face da implantação e consolidação do golpe militar de 1964. Para tanto, buscamos problematizar as relações entre Estado e Sociedade, como instrumento de

* Este trabalho esta sendo apoiado pelo Programa de Incentivo ao Bolsista de Iniciação Científica - PIBIC - UFPI

** Autora e aluna do curso de Licenciatura Plena em História da UFPI / bolsista – PIBIC - UFPI

*** Orientador e professor do Departamento de geografia e história da UFPI

análise, bem como o complexo mecanismo de dominação e suas possíveis conseqüências no desenvolvimento da capital do Piauí. Para alcançar o objetivo traçado é necessário obter a compreensão do impacto do golpe no Estado e captar as representações da sociedade diante da situação de atraso e miséria generalizados, e, por fim, o papel dos governantes na época. O recorte estabelecido para a pesquisa vai de 1963-1968, momento que envolve a administração de Petrônio Portella, período que também abrange a totalidade do golpe e sua consolidação no Estado do Piauí, consolidação esta, marcada pela construção do maior conjunto habitacional feito no Piauí, até aquele momento: parque Piauí, que no período da ditadura serviu para legitimar o golpe entre a população mais pobre da cidade.

Contrariando a visão superficial que analisa o Estado Autoritário, que se instalou no Brasil pós-64, como um sistema uniforme, compreendemos que cada administração neste período teve a sua particularidade, no entanto é perceptível que o processo democrático foi excluído de todas elas, isto não só nas administrações federais, em nível local esta observação também é válida.

Percebemos o golpe militar de 1964 e sua consolidação no Estado do Piauí, em especial em Teresina, a partir de *três fatores essenciais que tentam relacionar a situação da cidade aos aspectos políticos que concretizaram o golpe civil-militar*. O primeiro aspecto parte da difícil situação da população teresinense nas décadas de 1950 e 1960, como afirmou o ex-governador do Estado, Helvídio Nunes:

Cidade pequena, pessimamente iluminada, com deficiente e precário serviço de abastecimento de água, sem asfalto, sem esgoto sanitário, sem comunicação, Teresina era o retrato da pobreza e do atraso do Piauí¹.

Porém para refletir a situação de Teresina é preciso entender a percepção do piauiense sobre o seu Estado.

Em 1960, com a promessa de solucionar os problemas do nordeste e torna-lo tão desenvolvido quanto o sul do país, Jânio Quadros fez sua campanha presidencial, com grande repercussão no Piauí.² As disparidades regionais que se evidenciavam faziam com

que o Piauí se sentisse, neste quadro, como parte do processo de atraso, e se percebesse como o Estado mais pobre da federação. No discurso do Senador Leônidas Melo em 1959, proferido quando chefes do poder público se reuniam para elaborar estratégias de ação para OPI – Operação Piauí³, o político deixa bem claro como os piauienses percebiam seu Estado com relação às outras áreas do país:

Visivelmente empolgado, o Senador Leônidas falou durante vinte minutos sobre a “situação dramática, melhor dizendo, quase trágica em que se debate o Piauí”. Disse ser o Piauí o Estado “mais pobre, mais esquecido, mais abandonado, mais desprezado pelo governo federal”. (...) Mais adiante disse que se o Piauí fosse reivindicar tudo o de que necessita não sobraria vez para mais nenhum outro Estado, “pois éle não tem nada e dêssa nada tudo o Govêrno lhe toma para beneficiar as regiões do sul do País que lá estão bem desenvolvidas (...) (sic).⁴

O discurso do senador Leônidas Melo só reforçava a idéia do Piauí como um Estado atrasado e sem importância no cenário nacional, ressaltando, ainda, a importância e o desenvolvimento do sul do país em detrimento a outras regiões.

Esse desenvolvimento distorcido deixa o Estado suscetível a governantes que se valiam da situação de atraso para proferirem discursos inflamados pelo desenvolvimento e progresso. Porém nada de concreto se efetivava para a melhoria da condição de vida da população, que cada vez mais deixava o campo para ocupar o espaço das cidades.

Até meados de 1940 o Piauí possuía uma população predominantemente rural, cerca de 85% da população do Estado⁵. A partir da década 1950 houve um aumento na procura pelos núcleos urbanos, sendo que, os quatro maiores núcleos do Estado, Teresina, Parnaíba, Floriano e Picos, juntos concentravam mais de 2/3 (84,2% em 1970) da população piauiense.⁶ Teresina acabou se tornando um ímã que atraiu, a partir da década de 1960, pessoas de várias partes, de dentro e fora do Estado, tendo um aumento significativo da sua população que, na década de 1950, era de 51.418, passando para 98.329, na década de 1960.

A capital do Piauí, nas décadas de 1950 e 1960, não conseguia oferecer, de forma satisfatória, aos seus habitantes serviços básicos como de abastecimento d'água,

fornecimento de luz, redes de esgotos e funcionamento de telefones; serviços que eram símbolos do progresso para uma capital.

Faltavam produtos de primeira necessidade, tais como a carne e café. O crescimento da população fez com o sistema de abastecimento de água, luz e telefone se tornassem cada vez mais obsoleto. No entanto é justamente nesse período em que são intensificados os discursos desenvolvimentistas e de modernização proferidos em âmbito nacional. A construção de Brasília foi traduzida como início de uma era modernizante no Brasil. Juscelino Kubitschek, presidente de sonhos fausticos, cujo objetivo era fazer o Brasil crescer “cinquenta anos em cinco”, só reforçava na população da capital piauiense a necessidade de melhoramento da infra-estrutura básica (energia elétrica, abastecimento de água, transportes e alimentação).

Mas havia aqueles que defendiam também o embelezamento da cidade. A necessidade de melhoramento na condição de vida da população de Teresina fez com que o discurso desenvolvimentista refletisse no imaginário da sociedade como todo, mas muito especialmente naquele segmento social que pensava ser o condutor dos destinos do povo.

No segundo aspecto, percebemos que o Piauí, desde a sua fundação, foi governado por uma pequena parcela da sociedade, onde se destacavam os proprietários rurais, os comerciantes e profissionais liberais cooptados de diversas formas. Desejando manter seus privilégios em detrimento da grande maioria da população e, principalmente, em meio a uma onda de reformas assumidas pelo governo brasileiro na década de 1960, os discursos anticomunistas foram construídos no sentido de legitimar o poder desta elite política, intelectual e econômica, mas também no sentido de descaracterizar, ou melhor, desmontar, qualquer iniciativa que tivesse a participação ou fossem originadas nas camadas populares.

O Piauí na década de 1960, assim como em todo o Brasil, viveu sobre o medo constante da ameaça comunista. Os jornais de maior circulação no Estado deixavam bem claro que em qualquer momento o País seria atacado pelos “subversivos leninistas-marxistas-trotskyquistas”. A Guerra Fria estava presente no imaginário da sociedade, como

se a cada instante o famoso botãozinho que existia na União Soviética e nos Estados Unidos fosse apertado e o mundo acabaria como um estalar de dedos. O jornal “Folha da Manhã”, que circulava em Teresina, trazia sempre como reportagem de capa uma notícia deste confronto internacional, era mais fácil encontrar no jornal como tinha sido o dia do presidente dos Estados Unidos, do que o dia do prefeito de Teresina, Hugo Bastos.

Os jornais de grande circulação em Teresina, como o jornal “O Dia” e o “Folha da Manhã”, no período pré-golpe, faziam manifestações a favor da democracia e contra o socialismo, pois este era visto como a limitação das liberdades individuais. Essa campanha era promovida por intelectuais como o Presidente da Academia Piauiense de Letras, profº Simplício de Sousa Mendes e o também profº Benedito Lima, e traziam em sua essência mensagens como esta proferida pelo Profº Benedito Lima:

“Em nosso comentário anterior, reprovamos os abusos, as maldades e as tapeações dos INIMIGOS DA PAZ, aqueles que se consideram falsos patriotas e perigosos vigarista Os mesmos que desejam vender nossa PÁTRIA aos comunistas.- Voltamos com o mesmo assunto, porque devemos deixar bem claro que os nossos comentários não atingem os homens de bem, os bons administradores e os que amam a DEMOCRACIA. – Fazemos campanha direta aos que vivem às escondidas usando máscara venenosa e velhaca da embromação e da falsidade. – Aqueles que realmente se aproveitam da miséria dos mais necessitados para as suas conquistas criminosas. – Eles são de fato sabidos e se mostram amigos da coletividade e melhores defensores do país. São também oportunistas e atrapalham os bens intencionado”.⁷

Para validar seu poder junto à população, em sua grande maioria católica, os políticos e intelectuais utilizavam a moral cristã, a fé e Deus para repelir os ideais comunistas no Estado.

E por fim, ressaltamos os aspectos políticos que legitimaram o golpe, destacando, desta forma, um político que vai se tornar figura de destaque no período militar, não só no Estado, mas no país: Petrônio Portella. Tornou-se popular em Teresina ao governá-la entre 1959 e 1963. Nesta ocasião, elaborou um programa que financiava a aquisição de telhas para quem possuísse casas cobertas com palha de coco babaçu, dando prosseguimento a um processo de embelezamento do espaço urbano, iniciado de forma

violenta na interventoria Leônidas Melo (1937-1945). Durante o governo de Melo casas cobertas com palha foram queimadas, sem que o governante conseguisse explicar à sociedade a autoria dos incêndios. Mesmo desta forma, os governantes não conseguiam resolver o problema das casas de palha na capital.

Petrônio Portella elegeu-se governador do Estado em 1963, pela coligação UDN – PSD, porém apoiava o Presidente João Goulart que era do PTB. Esta atitude aparentemente contraditória era freqüentemente citada pelos cronistas da época, sempre especulando uma saída de Petrônio do seu partido. Após o golpe, apesar de ter se posicionado contrário a “revolução”, continuou no poder e se tornou uma das figuras piauiense de maior destaque no cenário nacional, indicando o seu sucessor na administração do Estado e participando da escolha de nomes para governar no Piauí durante a ditadura militar. Quando analisamos a conjuntura política em que se instalou a ditadura militar no Piauí, nem conseguimos visualizar como esta se deu de uma forma rápida, sem conflitos e sem contestação a nível federal. Para ser mais preciso o ambiente estava muito mais apropriado para confrontos políticos do que para cooptação. Porém Petrônio foi avaliado como um bom administrador e estrategista capaz de conseguir vários recursos para o Estado e de fazer acordos que resultaram em benefícios para o Piauí. Através dessas articulações políticas transformou-se em esteio da ditadura militar no Piauí, não no sentido de propagador dos ataques aos subversivos ou a corrupção, mas pelo fato de ter se valido da ditadura para consolidar a sua carreira política com o apoio de um grupo local que fincou raízes na administração estadual, permanecendo até os dias atuais. Conseguiu aniquilar da percepção popular a lembrança de ter sido um político ligado ao regime militar. E é percebido como o único político piauiense que, se não tivesse morrido, seria o primeiro presidente civil, com o fim ditadura militar.

Estes três aspectos que visualizamos fogem das análises massificadas de Estado Autoritário versus Oposição, na verdade, estes pontos têm como principal objetivo analisar as articulações políticas que legitimaram o golpe militar de 1964 em Teresina e ressaltar o papel decisivo da situação da cidade de Teresina para legitimação do golpe.

A instauração do Estado Autoritário no Piauí em 1964 foi marcada por questões similares àquelas observadas no restante do país. A elite política teresinense às vésperas do golpe militar viu-se dividida em duas vertentes distintas e antagônicas. De um lado as tendências de direita, que criticavam as medidas socialistas de Jango, de outro lado, a esquerda pró-reformas, que apoiava o governo Goulart.

Porém as linhas divisórias entre as duas vertentes eram por demais flexíveis. Exemplo disso foi a manutenção de Petrônio Portella na chefia no executivo estadual. Portella dois dias antes do golpe declarava seu apoio à Goulart, e, no entanto manteve-se como governador.

Teresina viveria nos anos seguintes a eclosão do golpe, uma forte intervenção estatal no sentido de inseri-la no rol das cidades modernas. Dessa forma, Estado e sociedade traçaram uma trama de relações que culminou numa reestruturação do espaço urbano, notadamente em sua questão habitacional, pois foi nesse período que houve a criação de grandes conjuntos habitacionais na periferia da cidade.

Notas

¹ NUNES, Helvídio. **Tempos de Política**. Teresina. Alínea Produções, 1996, p.15.

² Jornal Folha da Manhã, Teresina, Ano III, 16 de janeiro de 1960, nº 624, p.01.

³ Operação iniciada no governo de Francisco das Chagas Caldas Rodrigues (1959 – 1962) que tinha como principal objetivo explorar os recursos naturais do Estado.

⁴ Piauienses Não querem que seu Estado continue sendo o “Primo Pobre” lançam OPI. Jornal Estado do Piauí, Teresina, Ano XXXI, 05 de março de 1959, nº 119 p.07

⁵ LIMA, Antônia Jesuíta de. **Favela COHEBE**: Uma história por habitação popular. Teresina. EDUFPI.1996, p. 18.

⁶ MARTINS, Agenor de Sousa e et al. **Piauí**: Evolução, realidade e desenvolvimento. 2ªed. Teresina – Fundação Cepro, 2002. p.172

⁷ LIMA, Benedito. **Cultivando a democracia**. Jornal O Dia, 12 de março de 1964.p.03